

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA

Carla Maria de Souza

**A importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem:
reflexões e vivências formativas**

Juiz de Fora
2022

Carla Maria de Souza

**A importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem:
reflexões e vivências formativas**

Trabalho de conclusão apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau da licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Mylene Cristina Santiago

Juiz de Fora
2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Souza, Carla Maria de .

A importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem: : reflexões e vivências formativas / Carla Maria de Souza. -- 2022.
42 f.

Orientador: Mylene Cristina Santiago
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, 2022.

1. Afetividade. 2. Ensino - aprendizagem. 3. Relação. I. Santiago, Mylene Cristina , orient. II. Título.

Carla Maria de Souza

**A importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem:
reflexões e vivências formativas**

Trabalho de conclusão apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau da licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em de de

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as bênçãos na minha vida e por nunca ter me deixado desistir em meio às adversidades.

Aos meus amados pais, Roma e Carlos, os quais me deram a vida, amor, carinho, e em meio a tantas dificuldades sempre me deram apoio e suporte para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Aos meus tios, Ricardo e Paulo, e primo, Lucas por toda ajuda durante a minha trajetória escolar.

As minhas amigas, Leticia e Bruna, companheiras de faculdade, agradeço por todos os momentos juntas durante o processo de graduação.

Aos professores e funcionários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), da Faculdade de Educação (FACED), os quais durante todos os cinco anos mostraram-se solidários e prestativos.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID 2018 – 2019) - Diferenças e Literaturas e todos os participantes. Visto, que essa experiência despertou o meu interesse pelo tema do atual trabalho.

A minha querida orientadora, Mylene Santiago, a qual me orientou durante o PIBID e durante a realização do projeto de conclusão de curso, agradeço pela disponibilidade, ternura, dedicação, apoio e por ter deixado esses momentos mais leves.

Sou grata a todos que participaram de forma direta ou indireta da minha formação.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal pesquisar os benefícios de uma relação baseada na afetividade, especificamente entre professores, alunos e a família e a importância dessa relação no processo de ensino - aprendizagem, através de vivências de estágios, apontando para o fato de que a afetividade pode determinar o sucesso ou o fracasso na caminhada escolar. Uma vez que, a mediação dos pais e professor gera ou não o interesse pela construção do aprender. Trabalhar com emoções e sentimentos é um aprendizado tanto para o educador quanto para o educando, e para os pais e a família, essenciais parceiros no processo de ensino - aprendizagem. A relação entre professor, aluno e família é fundamental para esse processo em sala de aula, esta relação em especial a afetividade pode influenciar esse processo de forma bastante significativa. Uma vez que a afetividade vivenciada em relações sociais positivas, valida as experiências em busca do conhecimento. Dessa forma, os principais objetivos deste projeto visam compreender a importância do afeto no desenvolvimento do educador, educando e família; e, analisar aspectos os quais podem contribuir de forma positiva e/ou negativa nesse desenvolvimento. Para isso, o presente trabalho foi embasado em teorias e pesquisas bibliográficas de Jean Piaget e Henri Wallon, para explicar os aspectos que fazem parte da afetividade e como contribuem para o desenvolvimento dessa relação. Além disso, livros com essa temática, buscando exemplificar as teorias abordadas.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino - aprendizagem. Relação.

ABSTRACT

The main objective of this work is to search the benefits of a relationship based on affectivity, specifically between teachers, students and family, and the importance of this relationship in the teaching learning process throughout the internships. It focused on how affectivity can determine the success or failure of the school path, since the influence of parents and teachers generates or not an interest in the construction of learning .

Dealing with emotions and feelings is a challenge both for students and parents, and the family is an essential partner in the teaching learning process. The relationship between teachers, students and family is fundamental for this process in the classroom and affectivity can significantly affect this process, as the experience of affectivity in positive relationships validates experiences in the pursuit of knowledge.

Therefore, the main objectives of this project are to understand the importance of affectivity in the development of teachers, professors and family members, in addition to analyzing aspects that may contribute positively or negatively to this development. To explain the aspects of affectivity and how they contribute to the development of relationships, this work was based on theories and bibliographical research in Jean Piaget, Henri Wallon and in other works that address these themes.

Keywords: Affectivity. Teaching learning. Relationship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Confecção do Painel	20
Figura 2 - Painel Finalizado	20
Figura 3 - Confecção do Painel “De que Cor é o Lápis Cor da Pele?”	20
Figura 4 - Painel Finalizado “De que Cor é o Lápis Cor da Pele?”	21
Figura 5 - Contação do Livro “Aimê”	22
Figura 6 - Confecção do Auto-retrato	23
Figura 7 - Auto-retrato	23
Figura 8 - Auto-retrato	24
Figura 9 - Tons de Pele	24
Figura 10 - Confecção da Abayomi	25
Figura 11 - Produções Artísticas “O que eu faria se...?”	26
Figura 12 - Animação do livro “Amoras”	27
Figura 13 - O Cabelo de Lelê	28
Figura 14 - Roda de Conversa	29

LISTA DE SIGLAS

Prof.	Professor
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
FACED	Faculdade de Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência
EJA	Ensino de Jovens e adultos
RECNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 Afetividade e o processo de aprendizagem na teoria de Henri Wallon	13
3 Relato de experiência: vivências formativas e afetivas no PIBID	17
4 Relato de experiência do estágio não obrigatório: outros olhares para a afetividade	30
4.1 Superproteção dos pais	31
4.2 Altas expectativas dos pais sobre seus filhos	34
4.3 Pais que não aceitam o diagnóstico de deficiência dos filhos	35
4.4 Pais que aparentam indiferença com a vida escolar de seus filhos	36
4.5 Adaptação escolar das crianças	37
4.6 Pais que não acreditam no potencial da escola	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge de uma experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID 2018 – 2019) da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde foi realizado o projeto de literatura e diferenças em uma escola periférica da cidade. Durante o período de inserção percebeu-se que, em muitos casos, as crianças carecem de afeto familiar e buscam o mesmo em sua vivência escolar. Além disso, foi notado a importância de se pensar e trabalhar com assuntos que fizessem parte da realidade e necessidade daquelas crianças, fazendo uso de métodos que motivassem o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Moraes e Oncalla (2011, p. 216) “para Wallon, a participação da criança em um grupo (família, escola, amigos) permite o desempenho de papéis variados, e sua constituição se dará conforme sua idade e suas necessidades.”

Assim sendo, esse estudo busca analisar sobre a importância e a contribuição da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, destacando a importância de se ter um ambiente escolar com uma convivência agradável entre todos os que nele estão envolvidos, contribuindo para a formação integral da criança. É notória a interligação entre a afetividade e a aprendizagem, pois na escola o aluno se relaciona emocionalmente com os colegas e professores em sala de aula, o que leva a pensar sobre a necessidade de retomar este tema na ação pedagógica como facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, essa relação da afetividade pode despertar uma motivação maior no estudo, um melhor desempenho escolar e uma maior convivência social. A afetividade está diariamente na vivência dos alunos. Todavia, ainda na atualidade é fácil encontrar resistência no ambiente escolar, uma vez que a escola ainda é muito influenciada pelo tradicionalismo, ou seja, nesse modelo o foco é no professor e não no aluno, uma vez que o professor é o detentor do conhecimento e tem como função repassar o mesmo para o aluno, e o aluno possui objetivos a serem cumpridos, os quais são avaliados periodicamente. Dessa forma, esse método não valoriza a realidade dos alunos e não permite a participação dos mesmos, ao fazer uso de métodos mecanizados e fora da realidade dos educandos. Isto é, ainda encontramos escolas as quais fazem de seus alunos apenas ouvintes das aulas, pois eles só

observam o que é dito pelo professor, o qual é o detentor do saber, tornando-se assim o aluno um expectador do processo ensino-aprendizado.

Pode-se dizer que a afetividade vem de um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir das situações. Segundo Jean Piaget, tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado dos indivíduos juntamente com o desenvolvimento cognitivo.

Em sua teoria psicogenética, Henri Wallon (1999), abordou também essa concepção, logo diz que o indivíduo é um ser corpóreo, concreto e deve ser visto como tal, ou seja, seus domínios cognitivos, afetivos e motor fazem parte de um todo, a própria pessoa. Dessa forma, possibilita o desenvolvimento de um cidadão crítico e reflexivo. Uma vez que a afetividade está ligada à emoção, ela consegue determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e a forma com que se comportam dentro dele. Assim sendo, a presença ou ausência do afeto determina a forma com que um indivíduo se desenvolverá, pois quando uma criança recebe afeto de outras pessoas, consegue crescer e desenvolver com segurança e determinação, pois recebem a base e o apoio necessário dentro de casa.

A afetividade é essencial às relações humanas e o educando é um sujeito em formação, com características próprias que necessitam do aprendizado e cuidados que favoreçam sua inserção como sujeito no meio. Assim sendo, a afetividade está presente desde as primeiras manifestações da existência humana, sendo particularmente muito presente no processo de aprendizagem, principalmente quando se trata de educação infantil. Dessa maneira, a relação de carinho, respeito e atenção entre professor e aluno são fundamentais para o desenvolvimento dos alunos, assim o professor torna-se um mediador.

A afetividade no contexto de desenvolvimento da criança pretende, de modo geral, identificar a relação dos vínculos afetivos socialmente construídos no contexto escolar e familiar facilitando o êxito de uma aprendizagem que é mediada pelo adulto. Os aspectos afetivos positivos que permeiam as relações sociais estabelecidas entre a criança e o adulto permitem a construção de identidade e o valor que a criança dá a si mesmo. Assim sendo, as experiências motivadas pelo prazer da descoberta e transpassadas pela afetividade garantem uma riqueza de significados e aprendizagens de grande valia por toda a vida.

O trabalho foi estruturado em três seções: na primeira apresento a teoria de Wallon e os conceitos referentes à afetividade, na segunda faço um relato de

experiência do período que atuei como bolsista de iniciação à docência e, no terceiro realizo novo relato com as experiências adquiridas durante a realização de estágio não obrigatório.

Na primeira seção, Afetividade e o processo de aprendizagem na teoria de Henri Wallon, contarei um pouco sobre a vida do psicólogo e seus estudos sobre a afetividade na vida do homem, uma vez que esta é essencial no desenvolvimento do ser humano, envolvendo emoções e sentimentos nas interações e comportamentos com o meio em que vive. Ademais, discorro sobre a importância da afetividade na educação, sendo primordial para o ensino aprendizagem. Uma vez que Wallon, com suas teorias e estudos, veio questionar o ensino tradicional, pois o psicólogo defendia a ideia de uma educação voltada para a afetividade, questões sociais e intelectuais, educação essa na qual o educador incentiva seus alunos a buscarem sua autonomia, a serem ativos e que fossem capazes de participar da construção de uma sociedade contextualizada (LAKOMY, 2003 p.60).

Logo, na segunda seção, faço um relato da minha experiência no PIBID, contando sobre como eu percebi a importância da afetividade com os alunos e suas contribuições para o ensino aprendido dos mesmos. Sendo assim, apresento as minhas vivências e relatos no decorrer do projeto e seus resultados.

Ademais, na terceira seção, discorro sobre meus estágios não obrigatórios em outras instituições de ensino, nas quais observei as relações de afetividade existentes no ambiente escolar, as emoções e sentimentos envolvidos nas interações entre as crianças, professores e pais.

2 Afetividade e o processo de aprendizagem na teoria de Henri Wallon

Henri Paul Hyacinthe Wallon nasceu na cidade de Paris, França, no dia 15 de junho de 1879, formou-se em psicologia, filosofia, medicina e atuou também na política francesa. Wallon, dedicou-se ao trabalho de crianças com “deficiências mentais”. Além disso, por ter vivido em um tempo no qual aconteciam as duas guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945), revoluções socialistas, atuou como médico do exército francês. O psicólogo dedicou-se seus estudos e trabalhos à Psicologia da Criança. Logo, em 1925, criou um laboratório, no qual o interesse eram pesquisas e o atendimento de crianças com deficiências. Nos anos seguintes, Henri Wallon publicou livros sobre a Psicologia da Criança, integrou o Círculo da Rússia Nova (1931), filiou-

se ao Partido Comunista (1942), criou a revista *Enfance* (1942) e faleceu no ano de 1962.

Quando se estuda o ser humano, suas interações, comportamentos, características, a afetividade é um tema primordial para esse estudo. Uma vez que o ser humano interage com o meio em que vive, demonstrando emoções, sentimentos, os quais podem ser positivos ou negativos de acordo com os acontecimentos de sua vida.

O psicólogo francês Wallon tem sua teoria centrada na afetividade, concentrando-se nas emoções. Henri Wallon (1879-1962), foi o precursor da ideia de considerar a criança um ser emocional e afirmar que a afetividade e as emoções possuem um importante papel no desenvolvimento dos seres humanos.

Para Wallon, emoção é a fonte do conhecimento, assim “a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”. Pois, segundo ele, a emoção (uma das dimensões da afetividade) é instrumento de sobrevivência indispensável ao homem, assim sendo é “fundamentalmente social” e “constitui também uma conduta com profundas raízes na vida orgânica” (DANTAS, 1992, p. 85)

A teoria de Henri Wallon destaca em seus estudos que a afetividade se expressa de três maneiras:

1. Emoção: exteriorização da afetividade, aparece desde o início da vida do ser humano e é expressa com movimentos de espasmos e contrações, liberando sensações de mal-estar ou bem-estar. Nessa teoria, a emoção é vista como indispensável à sobrevivência do ser, e, pela sua contagiosidade, “ela fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e supre a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie” (DANTAS, 1992, p. 85).

2. Sentimento: expressa a afetividade sem arrebatamento, com controle, pela mímica e pela linguagem, o que o diferencia da emoção. Tem caráter cognitivo.

3. Paixão: está presente a partir da fase do personalismo e se caracteriza pelo autocontrole no domínio de uma situação, exteriorizando-se através de ciúmes e exigência de exclusividade, entre outros (MAHONEY e ALMEIDA, 2004, p. 21).

A teoria de Wallon (1995) tem importantes contribuições para a área da educação, sobretudo quando se trata da afetividade como meio essencial no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Henri Wallon, nas diferentes fases do desenvolvimento do ser humano, existem diferentes situações, as quais podem

resultar em uma evolução positiva, dependendo dos estímulos e oportunidades oferecidas durante o processo.

A Afetividade é um dos conjuntos funcionais do indivíduo e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento, assim sendo a mesma refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado positivamente ou negativamente tanto por sensações externas como internas. Dessa maneira, a afetividade deve ser levada em conta em todo o estudo sobre o desenvolvimento do ser humano, tanto no plano individual como no social, cognitivo e cultural.

A Teoria da Afetividade do psicólogo veio questionar o ensino tradicional com seu autoritarismo, falta de criatividade, que muitas das vezes exige um aluno passivo, sem personalidade, pois o educando não tem espaço para se expressar, dar sua ideia, fazer uso da sua imaginação e criatividade, e sem levar em conta o caráter afetivo, social e político da educação, pois, a Escola tem de “refletir a realidade concreta na qual esse sujeito vive, atua e, muitas vezes, procura modificar” (LAKOMY, 2003 p. 60).

Uma vez que a afetividade é valorizada na teoria de desenvolvimento do ser humano, a interação entre professor, aluno e os demais responsáveis pela educação constitui-se elemento primordial no processo ensino-aprendizagem. Tanto as experiências dentro do ambiente escolar, como as experiências em casa com os demais agentes no desenvolvimento da criança, permitem trocas afetivas positivas ou negativas, as quais acompanham a construção do conhecimento e desenvolvimento do educando.

A afetividade está muito presente no processo de aprendizagem, principalmente se tratando da educação infantil, uma vez que a primeira infância, de 0 aos 5 anos, é o período em que os seres humanos constroem suas bases cognitiva, emocional, motora, social e ética. Assim sendo, a mesma pode ser considerada como facilitadora deste processo e o professor o mediador. As relações construídas na escola ajudam no desenvolvimento das crianças, pois quando estas são tratadas com afeto têm mais chances de se desenvolverem emocional, social e intelectualmente.

Uma vez que os princípios reguladores dos recursos da aprendizagem são os mesmos para crianças e adultos, com diferenciação no tempo e na abertura, o educador também é afetado pelo meio, pelas interações, pela emoção e pelo sentimento. Mas, como adulto, tem maiores recursos para reagir de forma equilibrada,

para assim colaborar na solução dos conflitos, entendendo que a qualidade da relação/aprendizagem é vista pela forma como foram resolvidos os conflitos.

O professor é responsável por estabelecer uma mediação entre o aluno e o conhecimento de maneira atuante e prazerosa, pois é nessa relação que o aluno deve adquirir um maior leque de conhecimento de forma que possa aplicá-la na sua vida futura, sendo assim, a relação de afetividade entre o aluno e o professor é muito relevante na construção do conhecimento. Logo:

A Teoria da Afetividade do psicólogo Wallon, veio questionar o ensino tradicional com seu autoritarismo, falta de criatividade, que muitas das vezes exige um aluno passivo, sem personalidade pois o educando não tem espaço para se expressar, dar sua ideia, fazer uso da sua imaginação e criatividade, e sem levar em conta o caráter afetivo, social e político da educação, pois, a Escola, como um fato social, deve: “refletir a realidade concreta na qual esse sujeito vive, atua e, muitas vezes, procura modificar” (LAKOMY, 2003, p. 60).

Nessa relação professor - aluno, o desejo e o querer de ensinar, e o modo como o educador aceita e reconhece o aluno como um ser único, também são importantes. Pois, a criança que encontra um professor que a desvaloriza, que não reconhece suas qualidades, não será motivada para o ensino, dessa forma esse educando poderá perder o prazer e o desejo de querer aprender. Assim sendo, o professor não investirá na mesma, e esta não investirá no ensino, podendo se dispersar para outros meios.

Segundo Wallon (1995), a afetividade é base para o funcionamento do nosso corpo e para o nosso desenvolvimento, além de nos motivar e nos fazer ter interesse em algo. Quando pequeno, o afeto é essencial, visto que a criança necessita sentir-se corajosa para desenvolver com êxito seu aprendizado, assim sendo é importante que o educador tenha consciência de como suas atitudes são significativas nesse processo, pois essa relação de professor e aluno têm como base a afetividade. Logo, o professor não tem como função apenas transmitir informações, mas ele também deve ensinar sobre a vida, sobre as interações, vínculos etc.

Segundo Morales (1998), a ligação e a interação mantida entre o professor e o aluno pode vir a ser a possibilidade da ação de educar, ultrapassando a função de mediação dos conteúdos. Assim sendo, o professor que investe no seu aluno, que acredita em seu potencial, leva coisas divertidas para explicar a matéria, dá o suporte

necessário para seu aluno, deixará marcas positivas no mesmo. Todavia, o educador que não varia a sua dinâmica em sala de aula, que tem preconceito por alguns alunos, que faz a exclusão deles deixará marcas negativas no educando, fazendo com que ele possivelmente perca o interesse no ensino.

Todavia, é de extrema importância que o professor respeite e entenda o referencial do aluno, ou seja, seu modo de pensar, a realidade vivida por ele. É necessário entender que os alunos dentro de uma sala são diferentes, possuem suas singularidades, uma família, um cotidiano diferente dos demais colegas de turma. E essa realidade vivida pelos educandos irá interferir de maneira positiva, quando se tem o apoio da família, quando possuem recursos para manter uma educação de qualidade, e de maneira negativa, quando não possuem recursos suficientes para o estudo, quando possuem problemas familiares.

É importante ressaltar que a afetividade é da natureza humana e que somos seres emocionais, logo nossos sentimentos devem ser levados sempre em consideração. Pensando nisso, as crianças são seres individuais, cada uma com suas características e realidades, com isso faz-se necessário que o educador esteja atento a isso, e que a relação de ambos seja prazerosa. Para isso, o professor deve conhecer seus alunos, acolhê-los, propiciar um ambiente escolar adequado, o qual possua estímulos ao desenvolvimento e aprendizagem da criança.

A afetividade é um dos aspectos centrais para o desenvolvimento da criança. Sendo assim, a afetividade aproxima os agentes do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando um maior vínculo e confiança entre a interação professor e aluno, fazendo com que ambos tenham momentos de partilha, de troca de valores, de confiança e atitudes positivas em relação ao aprendizado (WALLON 1968).

Na próxima seção apresento relato de experiência sobre minha experiência com o PIBID, buscando relacionar tais vivências com a dimensão afetiva da teoria de Wallon.

3 Relato de experiência: vivências formativas e afetivas no PIBID

Como dito anteriormente, este trabalho surge da minha experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da

Universidade Federal de Juiz de Fora, onde foi realizado o projeto de literatura e diferenças em uma escola periférica da cidade.

O programa contava com oito bolsistas do curso de Pedagogia e nos dividimos entre as turmas do 2º ao 5º ano, realizando atividades utilizando livros, contos, músicas, vídeos e filmes que promovessem a reflexão sobre assuntos os quais as turmas demandam e víamos ser assuntos importantes a serem tratados com os alunos.

Éramos supervisionadas pela professora das turmas e por dois professores da faculdade, os quais nos orientavam na realização desse projeto. Assim sendo, tínhamos encontros uma vez por semana para discutirmos e planejarmos as atividades e para conversarmos sobre as turmas, os alunos, como foi a prática das atividades em sala de aula, suas contribuições, as dificuldades e os resultados delas.

A escola em que atuamos era uma escola periférica, na qual tinha alunos de diferentes realidades e diferentes vivências. Assim sendo, a maioria eram crianças que passavam dificuldades em casa, careciam de afeto, atenção e motivação. Ademais, a professora a qual nos supervisionava no colégio nos explicou também que a instituição de ensino possuía uma “jornada ampliada”, a qual ela desenvolvia projetos fora do horário regular de aula na própria instituição, como um meio de manter esses alunos integrados a atividades e que promovessem seu desenvolvimento, para assim, de certa maneira tirar essas crianças da rua e de possíveis vulnerabilidades sociais.

Logo, a escola era um refúgio para essas crianças, um local no qual os educandos sentem segurança e confiança. Eram motivados pelo processo ensino-aprendizagem, a socialização, ao desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor. Sendo esses conjuntos funcionais, atuando conjuntamente no processo de desenvolvimento e resultando em um ser único. É contra a natureza tratar a criança de forma fragmentária. Em cada idade constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades é um único e mesmo ser em contínua metamorfose (WALLON, 1981, p. 233).

Com isso, é necessário pensar no processo pedagógico, pois educar significa propor condições as quais respeitem as normas reguladoras do processo de desenvolvimento do ser humano, considerando assim as possibilidades orgânicas e neurológicas do momento e as condições de existência do educando.

Essa foi uma das propostas do projeto PIBID, entender o aluno como um indivíduo concreto, o qual está inserido no seu meio social. Ademais, tínhamos como objetivo também conhecer as características dos alunos e o seu meio cultural, para assim dar direcionamento ao processo ensino-aprendizagem, pensar em atividades as quais partissem da realidade dos educandos e que seriam significativas para eles, tornando o processo de ensino mais produtivo.

A nossa chegada na escola para os alunos foi uma festa, as crianças em sua maioria ficaram animadas e empolgadas com a nossa presença em sala de aula, queriam saber quem éramos e o que estávamos fazendo ali. Logo, a professora a qual estava nos supervisionando explicou um pouco para os estudantes sobre o projeto e o porquê da nossa presença.

Ademais, sobre a escola, ela era situada em um bairro periférico da cidade, na qual a maioria dos alunos eram daquela comunidade, a instituição ofertava aulas até o 9º ano do ensino fundamental, possuía uma quadra para as aulas de educação física, sala de informática e uma biblioteca, além das salas normais de aula. A sala a qual eu fiquei não era uma sala padronizada, possuía um mini palco, era toda decorada com os trabalhos feitos pelas crianças e pela turma do EJA (Ensino de Jovens e Adultos), um ambiente acolhedor e atrativo para os alunos. A escola em si, era um ambiente bem acolhedor, com uma infraestrutura boa, com materiais acessíveis aos educandos, e as professoras também utilizavam de diversos recursos para a elaboração de materiais didáticos para os estudantes quando a escola não possuía o material em si.

Além do mais, foi possível perceber a relação dos professores e funcionários com os alunos, sendo esta uma importante relação, pois era perceptível a afeição das crianças por alguns professores e funcionários e outros não. Consequência essa devido ao tratamento que eles davam aos estudantes. "A criança responde às impressões que as coisas lhe causam com gestos dirigidos a elas" (WALLON 1999).

Quando demos início as atividades em sala de aula, os alunos ficaram todos empolgados e curiosos para a execução delas, a primeira atividade foi para conhecê-los, conversar um pouco com eles, para assim se pensar nas demais atividades baseadas nas demandas das turmas, entendendo as particularidades de cada uma e se pensar nas modificações necessárias a se fazer, criando assim metodologias atraentes para instigar as crianças e motivá-las no processo ensino-aprendizagem. Com isso, percebemos a importância de cada vez mais pensar em metodologias que

abarcam a realidade dos alunos, que trazem a realidade deles para dentro de sala. Logo, a afetividade inicia como um meio o qual proporciona a integração do aluno com a sensibilidade, através da motivação, buscando assim a formação de um ser crítico e reflexivo.

Figura 1- Confecção do Painel



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Fizemos este painel para o último encontro na escola com os professores da instituição escolar. Nesse evento, fizemos uma contação de história e logo após uma roda de conversa. E expusemos o painel para que quem estivesse presente pudesse ver um pouco do nosso trabalho realizado por meio do PIBID. Nele há fotos dos alunos, de atividades realizadas pelos alunos e dinâmicas com a escola.

Figura 2 - Painel Finalizado



Fonte: Acervo do projeto PIBID

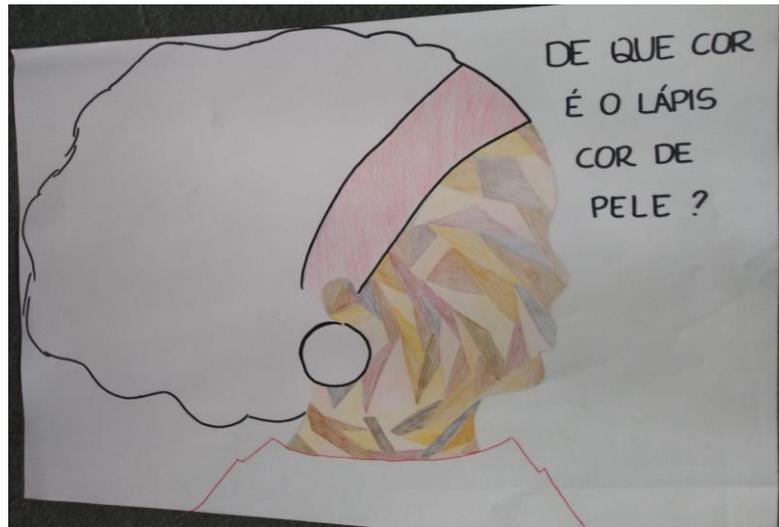
Figura 3 - Confeção do Painel “De que Cor é o Lápis Cor da Pele?”



Fonte: Acervo do projeto PIBID

No último encontro levamos para as professoras a problematização do lápis “cor da pele”, levando a caixa de lápis da marca Faber-Castell, a qual contém diferentes tons “de cor da pele”. Sendo assim, confeccionamos para a apresentação esse cartaz, contendo o desenho de uma mulher com diferentes tons de pele.

Figura 4 - Painel finalizado “De Que Cor é o Lápis Cor da Pele?”



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Figura 5 - Contação do livro: "Aimê"



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Nesse dia, uma das atividades que desenvolvemos com os professores da escola foi a contação do livro: "Aimê e seus fios de cachos" de Mariana Cazella Maciel. O livro relata a história de uma garotinha e seu cabelo, o qual às vezes estão soltos,

às vezes amarrados, da forma que Aimê deseja e se sente bem. Além disso, o livro diz sobre a importante fase que é a infância, e o quão é necessário que as crianças entendam que são as diferenças que as tornam únicas e saibam se amar.

Logo após, apresentamos a caixa de lápis de cor com os diferentes tons de “cor da pele”, mostrando a importância de que os alunos conheçam os diferentes tons. Foi um momento de muita aprendizagem, algumas professoras ficaram surpresas, pois não conheciam essa caixa de lápis de cor, ouvimos relatos das mesmas sobre situações relacionadas à cor da pele e ao cabelo. Sendo assim, pedimos para que as mesmas desenhassem um auto retrato, valorizando sua cor, seu cabelo e seus traços.

Figura 6 - Confeção do auto-retrato



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Na foto está representando o momento da confecção do auto retrato com a caixa contendo os diferentes tons de cor da pele.

Figura 7 - Auto retrato



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Figura 8 - Auto retrato



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Figura 9 - Tons de pele



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Ao final dos desenhos, pedimos para que todos presentes se juntassem e estendesse os braços para vermos todos os tons de peles, suas diferenças. Foi um momento de reconhecimento e valorização de nossas raças.

Figura 10 - Confeção da Abayomi

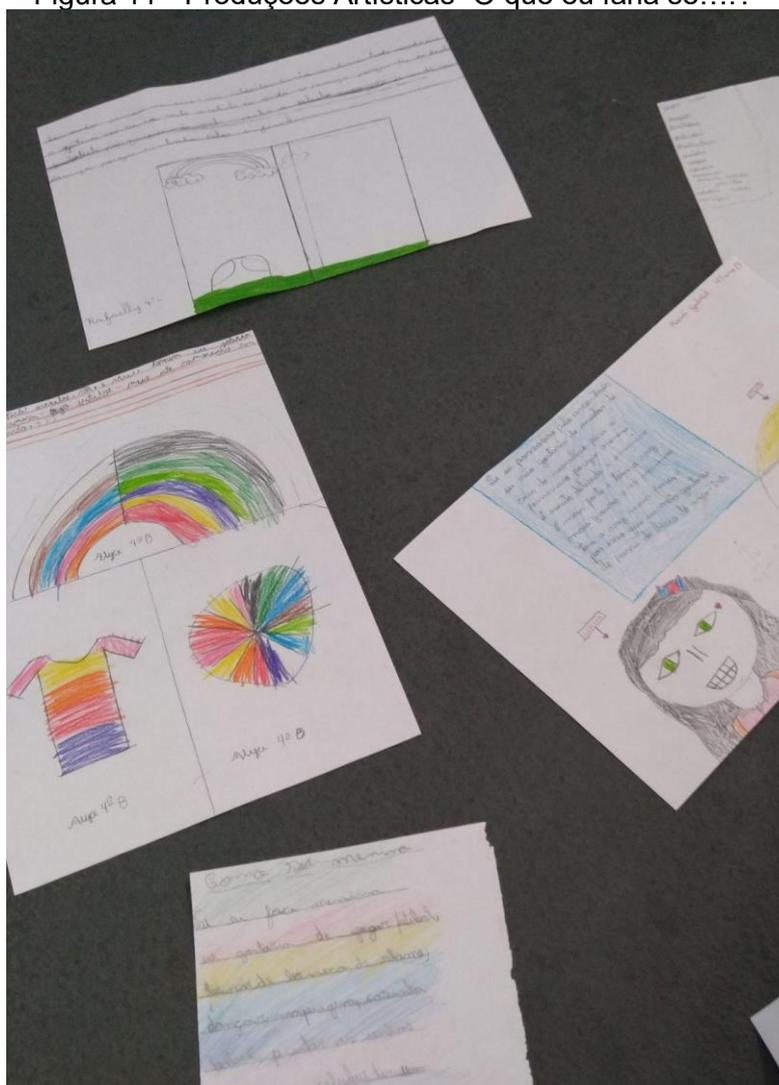


Fonte: Acervo do projeto PIBID

Anteriormente, vimos que o professor exerce grande influência na afetividade dentro de sala e é responsável por estabelecer uma mediação entre o aluno e o conhecimento de maneira atuante e prazerosa. Dessa forma, um dos nossos objetivos no planejamento das aulas era esse, de tornar aquele momento de aprendizagem em sala de aula algo prazeroso, significativo para as crianças e para o professor. Logo, sempre propúnhamos dinâmicas diferentes para despertar o interesse dos alunos. Assim sendo, quando fomos trabalhar a questão de raça com os alunos, uma das atividades que levamos para as crianças foi a história da Abayomi, boneca confeccionada com pedaços de saias das mulheres negras nos navios negreiros na época da escravidão, e logo após levamos pedaços de panos para criarmos com os alunos a nossa própria Abayomi.

Foi um momento muito interessante, pois as crianças ficaram surpresas em como a Abayomi era feita, apenas com panos e alguns nós. Além de comentarem a diferença de realidade dos brinquedos daquela época com os atuais.

Figura 11 - Produções Artísticas “O que eu faria se...?”



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Ao trabalharmos a questão de gênero com as crianças, levamos o livro “Faca Sem Ponta Galinha Sem Pé”, Ruth Rocha. O livro relata a história de dois irmãos, Joana e Pedro, os quais viviam brigando. Uma vez que Joana queria brincar de bola, ou subir em árvore, todavia Pedro dizia que futebol não era coisa de mulher e que ao subir em árvore a menina parecia um moleque. E por outro lado, Joana implicava com Pedro, quando o garoto chorava e ficava olhando no espelho. Até que certo dia, eles passaram por baixo do arco-íris e inverteram os papéis, Joana virou menino e Pedro virou menina.

Promovemos uma roda de conversa para sabermos o que cada um faria, caso trocasse os papéis. No primeiro momento houve resistência de alguns alunos com falas como: “Eca. Meninos são nojentos, barulhentos, chatos”; “Eu não ia querer! No calor não ia poder andar sem camisa”.

Sendo assim, questionamos mais uma vez o que eles fariam e como seria se eles passassem por baixo do arco-íris, promovendo uma discussão e problematizando as primeiras falas. Logo, algumas crianças ficaram animadas com essa inversão dos papéis, iam reforçando a ideia do livro que tanto meninas quanto meninos podem e devem ter os mesmos direitos. Com isso, alguns meninos disseram que seriam convidados para festas de 15 anos, que poderiam desenhar vestidos. Além disso, tiveram falas de meninos como: “- teria minha própria marca de roupa”; “Poderia cuidar de criança, pegar no colo”. Por outro lado, as meninas disseram que poderiam andar na rua sem camisa, assistir e jogar futebol. Logo, pedimos para que eles desenhassem essas ideias e desejos.

Figura 12 - Animação do livro “Amoras”



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Amoras é um livro do autor e cantor Emicida. Assim sendo, foi através de um rap composto pelo cantor, com o nome “Amoras”, que surge seu primeiro livro infantil, o qual diz sobre a importância de nos reconhecermos no mundo e de nos orgulharmos de nós mesmos.

Quando trabalhamos com as crianças esse livro e a ilustração do mesmo, queríamos que as crianças reconhecessem o seu valor no mundo e aceitassem e valorizassem seus traços de suas ancestralidades. Foi um momento muito legal, pois o livro e a animação é repleto de poesia, rimas, referências de pessoas importantes na nossa história, e isso contribui para o interesse e gosto das crianças.

Figura 13 - O Cabelo de Lelê



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Levamos para os alunos a contação do livro “O Cabelo de Lele”, da autora Valéria Belém. A história relata a história de Lele, uma garotinha que não sabia o que fazia com o seu cabelo, e por meio de um livro encontra as perguntas para o seu cabelo, a menina fica animada com o que vê e passa a reconhecer e valorizar seu cabelo.

Logo, fizemos uma roda de conversa com os alunos e problematizamos a questão do cabelo, conversamos com os alunos que cada um tem um diferente tipo de cabelo, que não existe “cabelo bom ou cabelo ruim”, chegamos até questioná-los o que seria “cabelo bom ou cabelo ruim?”. Sendo assim, propomos a dinâmica de cada um se olhar no espelho e admirar o que vê, reconhecendo e gostando do que o espelho reflete.

Essas dinâmicas e propostas de atividades sempre me mostravam a importância de se trabalhar a afetividade. Visto que, é notória a diferença do resultado no ensino e aprendizagem dos alunos quando é trabalhado em sala de aula atividades as quais objetivam apenas cumprir a demanda do currículo escolar, do que quando o educador envolve o afeto e busca trabalhar a realidade, as demandas de seus alunos, de se pensar em dinâmicas as quais visam o desenvolvimento afetivo, a interação,

espaço de fala para as crianças, buscam a conscientização e valorização das mesmas.

Figura 14 - Roda de Conversa



Fonte: Acervo do projeto PIBID

Como já vimos anteriormente, a afetividade é um instrumento que permite a interação das pessoas, tem como objetivo a formação de um ser crítico, reflexivo, sensível e consciente. Pensando nisso e na necessidade do afeto dentro da sala de aula, buscamos sempre fazer rodas de conversas com as crianças para que as mesmas interagissem entre si, ouvissem aos colegas, estivessem sensíveis e atentos às falas, dessem suas opiniões e trabalhassem no seu desenvolvimento crítico e reflexivo.

Finalizo essa seção, dizendo sobre a importância que esse projeto teve em minha vida acadêmica, profissional e particular. Durante a inserção no PIBID, as reuniões com os professores, responsáveis e a prática na escola, pude perceber e aprender, principalmente a importância da afetividade no ensino aprendizagem, os resultados positivos de um ensino voltado no afeto, a importância em como trabalhar essa questão, além disso, estudando e presenciando o trabalho da afetividade dentro de sala, aprendemos como trabalhar para se obter um ensino aprendido significativo. Logo, sabemos que devemos conhecer nossos alunos, suas realidades, dar espaço de fala para os mesmos, ajudá-los na medida do possível, e trabalharmos sempre da melhor forma para ajudar os alunos em seu desenvolvimento e que o ensino aprendido dos mesmos seja significativo.

Além disso, esse projeto foi essencial para a minha formação e vida profissional, como educadora, uma vez que “a partir da convicção de que educar é desenvolver a inteligência conjuntamente com a emoção, a escola não pode ignorar a vida afetiva de seus alunos” (RODRIGUES; GARMS, 2007, p. 35). Logo, aprendemos como trabalhar com as crianças, levar diferentes atividades, dinâmicas, materiais, para que os alunos tenham interesse em participar e se reconheçam nas atividades abordadas. Como exemplo: quando trabalhamos a questão da raça, ocasião em que levamos livros infantis com personagens negros e os alunos se viram e se reconheceram na história.

Sendo assim, venho dizer que esse projeto me ensinou a ter um olhar sensível aos alunos, em conhecer a realidade das crianças e trabalhar com elas a partir das suas próprias vivências, reconhecer as demandas dos meus alunos e elaborar planos de aula que sejam significativos para os alunos.

4 Relato de experiência do estágio não obrigatório: outros olhares para a afetividade

A proposta de estágio nessa escola, a qual eu fiz o estágio não obrigatório, durante dois meses, era de observar uma turma do 1º período, acompanhando os alunos, a professora, a rotina da sala e as interações presentes.

A instituição escolar em questão é de rede privada, uma escola pequena, com poucas turmas, cinco, com poucos funcionários durante a maioria dos dias, somente professores, a diretora e a secretária.

Observei que, por ser uma escola pequena, os professores e a gestão escolar conhecem todas as famílias e há uma relação direta com eles, há uma interação presente de ambas as partes. Fator esse o qual incentiva a aprendizagem, desenvolvimento das crianças e de suas habilidades, uma vez que quanto mais os pais são presentes na educação dos filhos, e os responsáveis forem parceiros da escola, e todos atuem de forma positiva e afetiva no ensino aprendizagem da criança, a mesma terá resultados positivos em seu desenvolvimento.

Com a minha experiência de estágio em uma escola particular com uma turma do 1º período, a qual continha doze alunos, eu pude analisar e perceber a diferença de relações existentes entre essas duas escolas (pública e particular). Ao contrário da

minha participação no projeto PIBID, essa escola localizava-se em um bairro central da cidade, com a disponibilidade de diversos materiais e recursos tanto para os professores quanto para os alunos.

Além do fato, do preenchimento dos horários extracurriculares desses alunos, pois eram crianças que além de frequentarem a escola no período regular, no período em que não estavam na escola, faziam aulas de natação, judô, capoeira, entre outras atividades. Logo, o dia todo das crianças eram atarefados e os pequenos não tinham quase tempo livre. Com isso, é possível se pensar sobre as consequências do excesso de cuidado dos pais com os seus filhos? Como a criança é afetada com os pais que colocam altas expectativas sobre elas? O que está por trás do excesso de currículos que os pais montam para os seus filhos?

Nessa experiência de estágio, foram frequentes os relatos que eu ouvi dos professores em relação ao excesso de cuidado e proteção dos pais e as altas expectativas que esses pais depositam nos seus filhos. Sendo assim, é importante ressaltar que a superproteção pode atrapalhar o desenvolvimento da criança, anulando assim a autonomia dela.

Logo, pude presenciar em sala de aula crianças que eram dependentes para realizar quaisquer tarefas dentro do ambiente escolar, crianças que pediam ajuda para guardar os materiais dentro do estojo e da mochila, alunos que não tinham opiniões próprias que sempre perguntavam a alguém a opinião para decidir algo. Eram crianças que não possuíam autonomia e segurança para a realização das atividades, sempre dependiam de alguém. Também observei pais que realizavam os deveres de casa de seus filhos. Segundo Campos (1994) as crianças devem, durante a Educação Infantil, aprender (por assimilação) regras ou padrões de conduta, comportamentos, os quais são rotineiros em seu meio social.

Conversando com as professoras e coordenadora da escola, elas relataram que já solicitaram reuniões com os responsáveis dessas crianças, para explicarem que é importante os filhos criarem e terem autonomia para realizar suas tarefas do dia a dia, terem independência para realizarem os deveres de casa, e que não adianta os pequenos terem essa independência somente na escola, esse processo tem que acontecer em casa também. Todavia, os pais continuam realizando as tarefas para os seus filhos. Sendo assim, a professora, todo início de semana trabalha a questão da autonomia com o aluno, que no meio da semana começa minimamente a realizar suas

tarefas na escola, mas no fim de semana, supostamente, em casa, a criança recebe tudo na mão, e o trabalho de autonomia precisa ser reiniciado pela professora.

Ademais, presenciei pais que colocavam altas expectativas em seus filhos, idealizando assim resultados os quais não faziam parte da realidade dos alunos, tendo como consequência a frustração deles.

4.1 Superproteção dos pais

O processo de educar é trabalhoso e complexo, visto que o educador deve pensar em propostas pedagógicas diferentes e atrativas para seus alunos, as quais sejam significativas e incentivem a sua autonomia, a interação e o desenvolvimento das crianças. Como já vimos anteriormente, é importante que o professor envolva a afetividade nesse processo e leve para a turma atividades diferentes dos padrões, as quais cumprem, em sua maioria, a finalidade de cumprir somente com o currículo escolar. Sendo assim, o trabalho do professor, o qual envolve a afetividade em sala de aula, é trabalhoso e complexo, pois exige uma constância diária, para se obter êxito. Contudo, há responsáveis pelas crianças com opiniões divergentes sobre esse processo. Sendo assim, há pais que optam por dar autonomia para seus filhos, e por outro lado há aqueles responsáveis, os quais sempre ajudam os pequenos em todas as esferas da vida.

O desenvolvimento infantil é um processo longo e contínuo, o qual inicia-se na vida intrauterina, tendo a relação mãe e bebê essencial para esse desenvolvimento. Todavia, quando essa relação excede os limites de proteção, cuidado, afeto pode ser prejudicial para a criança, uma vez que essa superproteção ocasiona inseguranças, perda de autonomia da criança, dificuldades e limitações em várias esferas do cotidiano e da vida dela. Sendo assim, esse cuidado exacerbado de algumas mães, seja por questões instintivas, de cuidado, provoca experiências negativas para o desenvolvimento de seus filhos (BEZERRA, 2004; GAIA; ZULIAN, 2011).

Há quem acredite que proteção demais faz bem para seus filhos ou para as crianças. Ademais, há quem acredite que ao proteger as crianças de tudo, ou quase tudo, estão fazendo o bem para elas e seu desenvolvimento. “Há no entanto, um limite entre a preocupação aceitável e a excessiva, que pode fazer mais mal do que bem a uma criança ou adolescente” (MACEDO; SANDOVAL, 2010, p.03). Logo, as crianças que são objeto da superproteção, vão crescendo com o pensamento que elas podem

passar por quaisquer experiências positivas ou negativas que sempre vai ter alguém ali com ela para resolver os problemas, solucionar as divergências e atender suas vontades. Pois, foram criadas com a presença de adultos fazendo sempre tudo por elas, satisfazendo seus desejos, tornando-se assim um ser humano dependente da presença e do cuidado do outro.

Segundo Machado (2009) superproteção pode levar a um bloqueio no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo das crianças. Pois, com esse excesso de cuidado, os pequenos sentem-se minimamente estimulados a interagir com o mundo. Como consequência, terão dificuldades em lidar com as adversidades, com imprevistos, com uma boa socialização, com decisões, entre outras.

Vieira (2009), enfatiza a importância do incentivo à autonomia das crianças, e que a mesma traz inúmeros benefícios, os pequenos desenvolvem autoconfiança, boa convivência com o mundo exterior, criticidade, eles estarão preparados para enfrentar obstáculos que surgirem durante a vida, terão o poder de achar soluções, sendo de responsabilidade, entre outros. É importante ressaltar, a importância dessa independência, visto que essas crianças ao crescerem não terão seus pais sempre por perto.

Todavia, essa liberdade de autonomia deve ser gradual respeitando os limites das idades dos pequenos. Sendo assim, segundo Wallon (1995), a relação da idade da criança com o seu desenvolvimento, pode ser observada através das ações que elas realizam. Logo, o pesquisador propõe uma sequência de estágios:

Impulsivo Emocional (0 a 1 ano) - nesta primeira fase, as atividades que predominam são as quais visam à exploração do próprio corpo em relação às suas sensibilidades internas e externas. Na segunda fase, (3 a 12 meses), inicia-se a percepção de padrões emocionais diferenciados.

Sensório-Motor e Projetivo (1 a 3 anos) - nesse estágio, as atividades concentram-se no aparecimento dos exercícios sensório-motores, os quais as crianças passam a se movimentar, pegar objetos auxiliadas pela fala que se acompanha por gestos. Sendo um estágio o qual há a predominância da inteligência e o mundo externo prevalecendo nos fenômenos cognitivos.

Personalismo (3 a 6 anos) - Caracteriza-se pela exploração de si, sendo assim um ser diferente dos demais, construindo a própria subjetividade através de atividades de oposição, sedução e imitação.

Categorial (6 a 11 anos) - Nessa fase, a criança inicia o processo de categorização mental, no qual a criança tem um salto em seu

desenvolvimento. Além, da organização do mundo físico em categorias mais bem definidas.

Puberdade e Adolescência (11 anos em diante) - Predominância da exploração de si mesmo, como uma identidade autônoma, mediante atividades de confronto, autoafirmação, questionamentos. Além, do desejo de agrupamento.

Conforme a teoria de Wallon (1995), as idades acima foram indicadas para as crianças de sua época. Sendo assim, elas necessitam ser revistas para nossa cultura nos dias de hoje.

Ademais, com a minha experiência de estágio, presenciei casos em que os pais faziam as tarefas para os seus filhos. Sendo assim, isso refletia no desenvolvimento e no desempenho dos alunos em sala de aula, que na hora de fazer as tarefas tinham preguiça em até começar a realizá-las, assim que pegavam as atividades já diziam que não sabiam fazer.

Segundo Soares (2000), a presença participativa da família é de extrema importância para o desenvolvimento das crianças. Logo, a importância da presença dos pais no desenvolvimento de seus filhos. Dessa forma, dizem sobre a necessidade do acompanhamento da família na educação das crianças, no auxílio de atividades, de proporcionar um ambiente adequado para os estudos. Todavia, salientam a importância de se tomar cuidado para o excesso dessa interferência familiar, uma vez que pode prejudicar no desenvolvimento, na independência e na autonomia dos pequenos. Por isso, deve haver um equilíbrio.

Podemos dizer que os responsáveis possuem um importante papel em auxiliar seus filhos, orientá-los nos estudos, estarem a disposição para ajudá-los no que eles precisarem, auxiliá-los na solução das dificuldades. Contudo, devem atentar-se para não assumir suas tarefas por completo, tirando a autonomia dos pequenos. A criança desde cedo tem sensibilidade às atitudes das pessoas ao seu redor, assim sendo possuem a logo percebem o resultado de suas próprias manifestações nas mesmas (WALLON, 1968, p. 171).

Sendo assim, segundo Henri Wallon (1968) a imitação é um importante instrumento expressivo-cognitivo utilizado pela criança. Logo, os responsáveis pelos pequenos devem estar cientes que eles são exemplos para as crianças

4.2 Altas expectativas dos pais sobre seus filhos

Sabemos que antes mesmo do bebê nascer, familiares, parentes já depositam expectativas sobre o neném. Muitas vezes, pais imaginam algumas histórias baseados naquilo que viveram em suas vidas, ou até mesmo pensam que seus filhos podem seguir seus passos ou terem um futuro diferente dos deles, seguirem outras profissões, realizar feitos os quais não conseguiram alcançar, e acabam idealizando um futuro perfeito para as crianças e desejando que sejam as melhores em todos os quesitos.

Quando as crianças nascem, elas já estão cercadas de expectativas. Conforme vão crescendo, nem sempre conseguem atender essas demandas que as rodeiam. Muitas vezes, os pequenos são pressionados a realizarem os desejos dos pais, dessa forma renunciam ao que realmente querem. Quando não correspondem às expectativas dos familiares ocorre a frustração de ambos, uma vez que a criança se frustra por não ter conseguido alcançar o desejo do pai, e se frustra ainda pelo fato do processo não estar acontecendo como almejava.

Sobre essa questão, Galvão nos diz que (1995, p.37):

Wallon propõe que se estude o desenvolvimento infantil tomando a própria criança como ponto de partida, buscando compreender cada uma de suas manifestações no conjunto de suas possibilidades, sem a prévia censura da lógica adulta.

Assim sendo, Galvão (1995) diz sobre os pensamentos de Henri Wallon, uma vez que as crianças agem como se fossem miniaturas dos comportamentos e desejos dos adultos, descartando assim suas próprias vontades.

Criar expectativas positivas, valorizar seus filhos, incentivá-los é importante para o desenvolvimento escolar das crianças. Todavia, se essas expectativas forem excessivas podem ter efeito contrário, fazendo com que os pequenos apresentem um desempenho escolar negativo e até mesmo desencadear problemas psicológicos nos mesmos.

É possível notar no ambiente escolar, como em outros, que quando a criança está sob pressão, as quais vão além de suas habilidades, de sua realidade, ela pode apresentar uma queda no rendimento escolar, problemas de ansiedade, autoconfiança, frustração, altas cobranças sobre si, entre outros. Por isso, a

moderação dessas expectativas sob os pequenos, saber respeitar o tempo e a maneira de ser de seu filho. Além disso, é necessário que os pais compreendam que seus filhos não são suas extensões, não têm que dar continuidade em seu legado, os mesmos, muitas das vezes, vão almejar um caminho próprio, irão buscar caminhos de acordo com seus desejos.

4.3 Pais que não aceitam o diagnóstico de deficiência dos filhos

Segundo Batista e França (2007), antes mesmo do nascimento do bebê, a família já cria expectativas e desejos para essa criança, imaginam um filho perfeito e saudável. Todavia, o nascimento de uma criança com deficiência na maioria das vezes, pode vir a ser um momento traumático, de confusão, de recusa. Sendo assim, é importante como cada família lidará com o diagnóstico, uma vez que o posicionamento dos familiares terá influência no desenvolvimento da criança.

Com o meu estágio nas últimas duas escolas, presenciei dois casos de dois alunos, os quais possuem alguma deficiência, necessitam de acompanhamento, todavia os pais, de certa forma, se recusam a aceitar a deficiência de seus filhos, logo prejudicando o tratamento e o desenvolvimento deles.

Na primeira escola, a professora junto com a coordenadora solicitou uma reunião com os pais do aluno para conversarem e procurarem saber se eles já tinham procurado ajuda, levando-o em algum especialista. Logo, na reunião, a mãe da criança se comportou de forma arrogante dizendo que se o filho dela tivesse alguma deficiência ela saberia por ser mãe, e que não precisava levar o filho ao médico.

Sendo assim, a professora disse que a criança não consegue acompanhar a turma, não desenvolve as atividades propostas em sala, pois a educadora não consegue ficar responsável por uma turma sozinha e ainda dar o suporte necessário para a criança, ela comentou que a escola poderia pedir um acompanhamento para o aluno com um laudo médico, todavia, como os pais se recusam em procurar ajuda médica esse acompanhamento não é possível.

Logo, o desempenho do educando é afetado, visto que ele não consegue acompanhar o ritmo da turma, ele acaba não finalizando todas as atividades. Percebi também que muitas vezes os próprios colegas de classe o ajudavam, auxiliando-o na realização dos deveres, quando veem que o estudante ainda não terminou a atividade, pedem a professora para esperar e o ajudam. Neste sentido, Wallon afirma que:

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição (WALLON, 1975, p.159)

Segundo Galvão (2000), Henri Wallon alega que as interações da criança com os outros são essenciais para o desenvolvimento do ser humano. Além disso, Wallon em sua teoria diz sobre a importância do convívio social entre as crianças, pois esse contato é fundamental para os pequenos aprenderem a lidar com diferentes situações de afetividade, de trabalho em equipe, de superação de problemas, entre outros.

Na segunda escola, a professora junto com a coordenadora, solicitou também uma reunião com os pais. Na reunião, a mãe disse que procuraria uma psicopedagoga, pois só ela poderia encaminhar para um neurologista ou outro especialista. Todavia, passaram-se alguns meses e essa providência ainda não havia sido tomada pelos pais.

Diferente da primeira escola, nesta a criança possui acompanhamento de uma estagiária em sala de aula, a qual o acompanha diariamente na escola, auxiliando em atividades e nas demais atividades do ambiente escolar.

Todavia, mesmo tendo esse acompanhamento nas tarefas, percebi que falta uma ajuda médica, pois é recorrente os casos de crises desse aluno, e a escola não tem um amparo familiar para ajudá-lo, prejudicando até mesmo a saúde da criança.

4.4 Pais que aparentam indiferença com a vida escolar de seus filhos

A instituição escolar e a família possuem funções e responsabilidades diferentes na educação dos estudantes, todavia é importante lembrarmos que mesmo tendo diferentes responsabilidades ambas são complementares, precisam uma da outra para se obter êxito no processo de ensino-aprendizagem.

A "colaboração escola-família" inclui as noções de parceria, de partilha de responsabilidades e de participação, assentes na ideia de que o sucesso educativo de todos só é possível com a colaboração de todos (MARQUES, 1992, p. 5).

A participação dos pais na vida escolar dos filhos se dá pelo envolvimento com os deveres, com reuniões, visitas às escolas, conversas sobre a instituição e o aprendizado, o estímulo dado às crianças para elas participarem e terem interesse na escola. Logo, levar o ambiente escolar para casa, por meio de conversas, o acompanhamento nas tarefas, o interesse em escutar o que o seu filho tem a dizer quando chega da escola, são atitudes as quais demonstram ao estudante o valor e a importância da escola e incentivando-os na caminhada escolar, e os mostram que não estão sozinhos nessa jornada.

Em minha experiência de estágio, observei alguns alunos os quais os pais não se envolvem com a escola, não se interessam com a vida escolar do filho e até mesmo não ajudam as crianças com as tarefas e trabalhos da escola e muitas das vezes não cuidam nem da higiene dos materiais e da criança. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI):

o cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidados também precisam seguir princípios de promoção da saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre desenvolvimentos biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em considerações diferentes realidades socioculturais (BRASIL, 1998, p.25).

Assim sendo, esses alunos chegam muitas vezes sem o material escolar, sem os deveres prontos e quando são realizados a impressão que dá é que foram feitos de qualquer jeito ou a criança fez sozinha, e até mesmo situações em que os cadernos e livros estão amassados, rasgados e sujos.

Ademais, são crianças as quais não são incentivadas e encorajadas a se empenhar na escola pelos pais, com isso percebo em sala a falta de interesse em realizar as atividades, em participar das dinâmicas as quais a professora proporciona.

4.5 Adaptação escolar das crianças

O primeiro contato com o ambiente escolar pode ser algo estranho para as crianças, uma quebra na rotina, um novo ambiente, novas pessoas, novas relações. Todavia, com a frequência escolar, as crianças vão se adaptando a essa rotina, ao se

sentirem acolhidas, protegidas e confortáveis na escola, os estudantes começam a ter uma melhor interação, criar vínculos, aprendem a conviver com os demais colegas, as regras da escola, a rotina da sala de aula.

Ademais, após a adaptação escolar, a escola torna-se um espaço prazeroso para as crianças, elas ficam entusiasmadas em aprender novos conteúdos, a ver seus colegas de classe, a professora, e os demais agentes presentes no ambiente escolar. Sendo assim, o medo desse novo ambiente passa e a criança sente-se segura nesse espaço.

Esse é um momento importante para as crianças, pois precisa criar um vínculo com a escola e sentir-se confortável, necessitando do empenho de todos. Logo, pais, professores, equipe docente precisam colaborar no processo de adaptação. Para que isso ocorra é necessário ter frequência escolar. Percebi em meu estágio na educação infantil, com o maternal III, que a infrequência escolar era uma barreira para o processo de adaptação.

Com isso, questionei a professora se já tinha tido uma conversa com os responsáveis dessas crianças, a educadora disse que sim, e que a maioria não demonstrou importância, disseram que quando o filho quer ir para a escola ele vai, mas quando ele fala que quer ficar em casa eles correspondem a vontade da criança, deixando-a em casa.

Assim sendo, a adaptação e o convívio social e escolar dessas crianças são afetados negativamente. Os pais podem estar aceitando os desejos dos filhos naquele momento, todavia necessitam entender que essa atitude é prejudicial à própria criança e que atender todos os desejos dos filhos não faz bem para o desenvolvimento, pelo contrário, muitas vezes isso torna-se algo prejudicial para a criança. (Prejudicial em que sentido? O que estudos sobre o tema dizem a respeito?)

4.6 Pais que não acreditam no potencial da escola

Em uma conversa com a professora de sala foi mencionado o caso de uma aluna, cuja mãe, no início do ano, perguntou se a filha aprenderia algo realmente na escola, ou se ela estaria ali somente para passar o tempo. A professora disse que sim, que ela iria aprender conteúdos, descobrir e desenvolver suas habilidades, fazer novas interações com os colegas de turma, aprender regras, entre outras

aprendizagens. Sendo assim, a educadora pensou que o questionamento da mãe pudesse ser só a preocupação dos pais com o início da caminhada escolar.

Todavia, a responsável da criança está sempre fazendo o mesmo questionamento à professora, além de fazer visitas surpresas à instituição escolar para poder ver se a filha está realizando atividades ou se está somente brincando. Além disso, com essas visitas à escola, a mãe acaba tirando o foco da estudante, pois a mesma para o que está fazendo para dar atenção a mãe e sempre pede para ir embora com a responsável, sendo assim todas as vezes que a mãe vai ao ambiente escolar, a criança chora até a mãe aceitar levá-la para casa. Ademais, acaba fugindo da rotina dos demais alunos, pois dá início a questionamentos como: “Professora, por que meu pai não vem me visitar aqui?”; “Eu quero ir embora também”; “Liga para a minha mãe me buscar”; “Por que ela pode ir embora todas as vezes e eu não?”.

as rotinas desempenham um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. As rotinas atuam como organizadoras estruturais das experiências cotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro por um esquema fácil de assumir (ZABALZA 2008, p. 52).

Portanto, uma vez que essa visita se torna comum e o modo como ela é conduzida, com a responsável entrando em sala, dispersando os alunos, quebrando o foco e a rotina das crianças, acaba sendo prejudicial no processo de ensino-aprendizagem.

As observações realizadas durante o período de estágio foram importantes em meu processo formativo, porque permitiram compreender a importância da relação e colaboração entre família e escola, sobretudo, quando a afetividade está presente de uma forma equilibrada, permitindo que a criança se desenvolva, interaja, aprenda e alcance autonomia, considerando o ritmo de cada uma. Percebi que a relação entre família e escola tem um papel importante em cada etapa da vida da criança e ao longo de sua trajetória escolar. Os equívocos relacionais observados e apresentados no trabalho podem ser modificados através de ações que envolvam a participação dos pais no cotidiano e nas decisões da escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo pesquisar e relatar os benefícios e a importância das relações baseadas na afetividade para o desenvolvimento do ser humano e a necessidade da interação entre alunos, pais e professores no processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, o presente trabalho foi dividido em três seções. A primeira sendo um pouco sobre a vida e obra de Henri Wallon, a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Em seguida, na segunda seção, discorri sobre a minha experiência no PIBID, relatando as minhas vivências e a minha percepção da contribuição da afetividade no processo de ensino-aprendizado. Por fim, na terceira seção, apresento os relatos das minhas experiências de estágios não obrigatórios e a relação da afetividade presentes nestes momentos.

Portanto, com o desenvolvimento do trabalho chegamos a um ponto em que podemos dizer que a afetividade é um importante fator no ensino-aprendizagem, visto que, a mesma é um sentimento comum nas relações dos seres humanos, afetando as emoções dos envolvidos e dando motivação ou não para a realização de ações. Sendo assim, as interações no ambiente escolar devem ser prazerosas, visto que quando somos atraídos por algo, quando a aprendizagem é significativa criamos uma relação de afetividade com o ensino.

Com isso, o afeto desempenha um papel de atenuador de situações filtrando e retendo tudo o que prejudica o aprendizado tornando assim o mesmo um processo fluido contínuo. O afeto, assim como a educação, deve vir de berço e crescer continuamente junto ao intelecto da criança, em uma descontinuidade desse processo ele deve ser tratado pedagogicamente de forma diferenciada, com o objetivo de tapar as lacunas formadas para que isso não afete a educação da criança.

REFERÊNCIAS

Batista, S., & França, R. **Família de pessoas com deficiência: Desafios e superação**. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG, 3(10), 117121, 2007.

BEZERRA P.F, **O terapeuta ocupacional na relação materno-infantil**
Universidade do Estado do Pará, UEPA . 2004

BRASIL. **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Maria Malta. **Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil**. MEC/SEF/Coedi. Por uma política de formação do profissional de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/Coedi, 1994.

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1995.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 7ª.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias Cognitivas da Aprendizagem**. Curitiba: FACINTER, 2003.

LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

MACHADO, João Luiz de Almeida. **Pais superprotetores: as consequências para a vida das crianças**. Galois (online), s/d. disponível em: <http://www.galois.com.br/artigos-fundamental/39-para-quem-educa/300-pais-superprotetores-as-consequencias-para-a-vida-das-crian%C3%A7as>. Acesso em 10 de outubro de de 2022

MAHONEY, Abigail Alvarenga & ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Revista da Psicologia da Educação, nº 20 – 2005. Acessado em 16.02.2014.

MARQUES, Ramiro. **A Escola e os Pais - como colaborar?** Lisboa: Texto Editora. 1997.

MORAES, Regiane Rodrigues de; ONCALLA, Simone Alarcon. A teoria psicogenética de Henri Wallon e suas contribuições para a psicopedagogia. In: BARONE, Leda Maria Codeço; MARTINS, Lilian Cassia Bacich; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. **Psicopedagogia: teorias da aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 203-252.

RODRIGUES, S. A. GARMS, G.M.Z. **Relação professor-aluno e afetividade: reflexões wallonianas sobre o ambiente de aprendizagem e a prática docente**. Série Estudos Periódico do mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande: jan/jun 2007, n.23, p.31-41. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/259>. Acesso em: 16 mai. 2021.

SOARES, J. M. **Família e Escola: parceiros no processo educacional da criança. 2000.**

VIEIRA, Analúcia de Moraes. **Autoridade e autonomia: uma relação entre a criança e a família no contexto infantil**. Revista Ibero America de Educacion, n. 49/5, 2009.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Trad. Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70. 1981.

WALLON, Henry (1973/1975). A psicologia genética. Trad. Ana Ra. In. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa (coletânea).

ZABALZA, Miguel A. Os Dez Aspectos-Chave de uma Educação Infantil de Qualidade. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Editora: Artmed, 2009.